

# Esperança TÍMIDA

## Veículos voltam a ser financiados e deixam donos de lojas otimistas

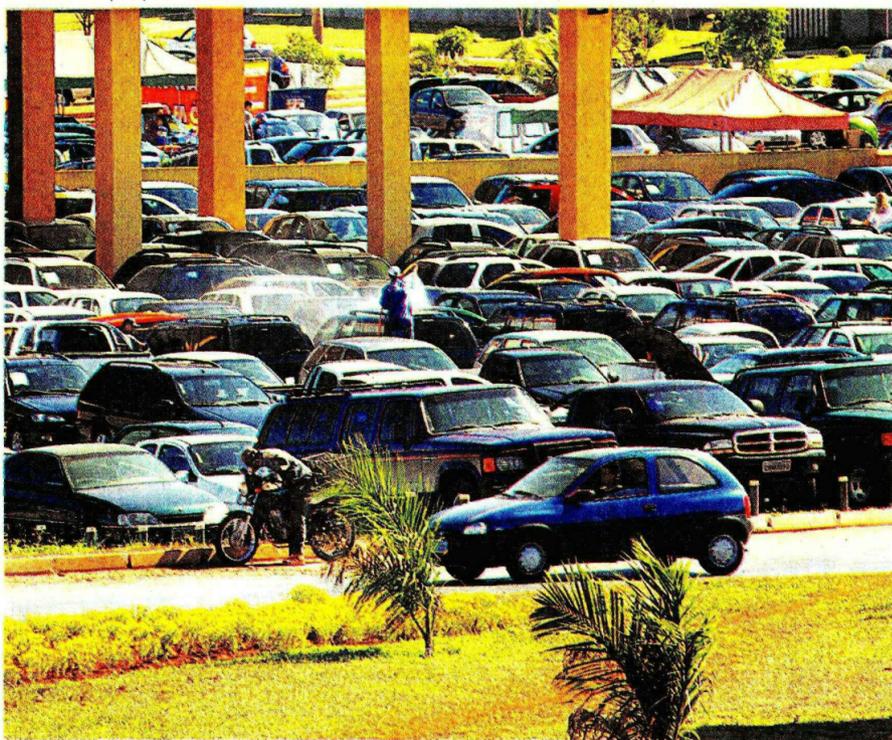
KARLA MENDES  
DA EQUIPE DO CORREIO

Passado o baque inicial das medidas radicais para restringir o financiamento de veículos, como redução do prazo para pagamento, extinção do parcelamento em 72 meses e até suspensão das linhas de crédito por alguns bancos, o mercado dá o primeiro sinal, ainda que muito tímido, de que pode se normalizar aos poucos. Cadastros para financiamento em 60 meses sem entrada estão voltando a ser aprovados por alguns bancos, prática que havia sido extinta nas últimas semanas com o agravamento da crise financeira internacional.

“Já vendi pelo menos sete carros 100% financiados, ou com entrada pequena, pelo Itaú recentemente. Nas últimas semanas, esse tipo de financiamento não estava sendo aprovado”, afirma Maurício Mustefaga, proprietário da 704 Veículos. Segundo ele, esse tipo de crédito tem sido concedido para a aquisição de carros mais novos, de 2002 para cá. Para automóveis mais antigos, o prazo continua limitado em 48 meses. Ricardo Recch, proprietário da Nenens Veículos, também reforça que o Itaú está mais flexível para financiamentos de veículos em 60 meses sem entrada. Esta semana, o empresário conseguiu fazer uma venda nessas condições. “Deram um susto muito grande na gente, mas agora parece que a coisa não é tão feia assim. Vamos ver o que vai acontecer nos próximos dias”, diz.

A esperança de volta à normalidade, porém, não é algo generalizado. Ricardo Recch observa que só o Itaú adotou essa postura. As outras instituições continuam a exigir entre 20% e 30% do valor do carro como entrada para liberar o crédito para pagamento nesse prazo. “Antes, era muito comum aprovar financiamento em 60 meses.

Gustavo Moreno/Especial para o CB - 9/6/06



CIDADE DO AUTOMÓVEL: VENDAS EM 60 MESES SEM ENTRADA RETORNAM EM ALGUMAS LOJAS

Agora, estão dificultando muito a análise de crédito.” Fernando Toledo, proprietário da FCar Veículos, ressalta que as condições de financiamento estão muito voláteis. “Os bancos lançam uma tabela para financiamento em 60 meses, depois reduzem para 48 ou pedem entrada para o parcelamento em um prazo maior. Dos oito bancos que a gente trabalha, só o Itaú voltou a operar normalmente. Está todo mundo na ânsia de o mercado normalizar”, explica. Procurado, o Itaú não se pronunciou até o fechamento da edição.

Na semana passada, o **Correio** publicou que as linhas de financiamento de veículos e até os empréstimos com desconto em folha, que apresentam o menor

risco de inadimplência do mercado, foram suspensos. Os reflexos apareceram rapidamente. Nas primeiras duas semanas de outubro, as vendas de veículos usados tinham caído 25% e as de novos, 15%. Fontes do mercado revelaram que os bancos estão criando dificuldades para emprestar dinheiro e que uma das estratégias usadas é vencer os interessados “pelo cansaço”. São criadas tantas exigências que o candidato acaba desistindo no meio do caminho. Sem saber o que vai acontecer no mercado nacional e internacional, explicam os economistas, os bancos preferem ficar com o dinheiro guardado a emprestar. Optam por restringir as linhas de crédito e perder negócios para não se arriscar.

## VENDAS EM QUEDA

As vendas de veículos tiveram uma queda de 6,62%, em comparação à primeira quinzena do mês passado. Segundo a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave), as vendas totais de veículos no país — incluindo caminhões, ônibus e implementos rodoviários — apresentaram uma queda de 10,33%, no mesmo intervalo de comparação. A queda, entretanto, foi menor, de 1,24%.

## CAIXA SOCORRE QUATRO BANCOS

VICENTE NUNES  
DA EQUIPE DO CORREIO

A Caixa Econômica Federal atendeu aos apelos do Banco Central e anunciou ontem socorro a quatro bancos de pequeno e médio portes. A instituição estatal se comprometeu a comprar R\$ 4,7 bilhões em carteiras de crédito desses bancos nos próximos dois anos. Ficou acertado que, de imediato, a Caixa liberará R\$ 1,1 bilhão, usando parcela dos R\$ 2,7 bilhões em depósitos compulsórios liberados pelo BC. Segundo o diretor de Finanças e Mercado de Capitais da Caixa, Márcio Percival, foram arrematadas três carteiras de empréstimos consignados e uma carteira de financiamentos concedidos a empresas de tamanho médio. “São todas operações de ótima qualidade, que agregarão valor aos ativos da Caixa, além de ampliar a nossa participação nesses segmentos do mercado”, disse o executivo.

A meta da Caixa é de, na próxima semana, fechar a compra de carteiras de mais oito ou nove bancos. “Essas operações exigiram um pouco mais de análise. Mas tudo caminha para a concretização dos negócios”, afirmou Percival. Serão duas carteiras pequenas de financiamentos de veículos, segmento no qual a taxa não tem tradição, carteiras de debêntures (títulos de renda fixa emitidos por empresas do setor produtivo) e carteiras de empréstimos a

Breno Fortes/CBDA Press - 17/4/08



CEF TAMBÉM NEGOCIA COMPRA DE CARTEIRAS COM OUTROS NOVE BANCOS

médias e grandes empresas. Para isso, a Caixa recorrerá a recursos oriundos de depósitos em conta corrente e caderneta de poupança e de captações por meio de certificados de depósito bancário (CDBS), os quais, acrescentou Percival, têm aumentado muito. “A nossa liquidez cresceu bastante nas últimas semanas”, ressaltou.

Na avaliação do executivo, essas operações são importantes para o sistema financeiro, por ajudar a destravar os problemas de liquidez. “Estamos comprando ativos bons, que passaram por avaliação de risco rigorosa, mas que têm enfrentado dificuldades de negociação”, assinalou. “Trata-se de operações comerciais normais, que

vão trazer novos clientes para dentro da Caixa”, assinalou.

Percival admitiu que o fato de os bancos públicos saírem na frente desse processo obrigará as grandes instituições privadas a se mexerem, para não perderem mercado. O BC tem feito pressão sobre os bancos para que usem os recursos dos compulsórios na compra de crédito e não destinando o dinheiro para aplicações em títulos públicos. Nos próximos dias, o Banco do Brasil deve anunciar as suas compras — a instituição está avaliando pelo menos 10 carteiras de instituições menores, avaliadas em R\$ 3 bilhões. Mas há a possibilidade de o BB gastar até R\$ 6 bilhões nesse processo.

## BRASIL SÓLIDO

O muro dos Bric — grupo de países composto por Brasil, Rússia, Índia e China — está prestes a ser atingido pelos efeitos do aperto na disponibilidade de crédito, dizem analistas do Merrill Lynch em nota distribuída ontem. Na avaliação do banco, os mercados emergentes têm alguns “truques na manga” e “podem ajudar a estabilizar a economia global”.

O Merrill Lynch destaca que o Brasil apresenta, entre os quatro países, as melhores condições estruturais para o crescimento, citando políticas macroeconômicas sólidas, política monetária pró ativa e o fato de o crescimento do país não ter sido o principal beneficiário da bonança externa.

A Rússia, por sua vez, apresenta a pior condição estrutural, na opinião do Merrill. Segundo os analistas, enquanto o país é rico em fontes naturais, enfrenta condições desfavoráveis para o desenvolvimento econômico, aumento da presença do Estado e o risco da “doença holandesa” (processo de desindustrialização em virtude do excesso da valorização da moeda local), além de sérios problemas demográficos de longo prazo. A Índia oferece a maior promessa de longo prazo, diz o Merrill Lynch, e a China as melhores perspectivas para o boom no consumo.

BALANÇO

## KLABIN REGISTRA PREJUÍZO

A Klabin, uma das maiores fabricantes brasileiras de papel, encerrou o terceiro trimestre deste ano com prejuízo líquido de R\$ 253,14 milhões, contra um lucro de R\$ 177,52 milhões registrado em igual período de 2007. A empresa mostrou piora tanto em seu desempenho operacional quanto no financeiro, este último agravado pelo efeito da valorização do dólar no endividamento. Entre julho e setembro, a companhia obteve receita líquida de R\$ 770,2 milhões, alta de 6,56% sobre igual intervalo do ano passado. As vendas do período somaram 388 mil toneladas, uma expansão de 7,7% em um ano.

IDEOLOGIA

## KARL MARX NA MODA

O estouro da bolha de crédito está causado na Alemanha grande aumento das vendas de *O capital*, escrito por Karl Marx em 1867 para analisar o modo de produção capitalista. “Marx está novamente na moda”, disse ao jornal *Neue Ruhr Zeitung* Joern Schuettrumpf, responsável pela editora Karl-Dietz, de Berlim, que publica as obras de Marx e Friedrich Engels em alemão. As vendas do primeiro volume da obra, explicou Schuettrumpf, triplicaram desde 2005, chegando a 1.500 exemplares. Para dezembro, a editora espera aumento maior, considerando que algumas das teorias do filósofo — dentre as quais a que afirma que o capitalismo em excesso acaba por se autodestruir — estão mais atuais do que nunca. O próprio governo alemão pode ter contribuído para o boom de Marx nas livrarias, já que no fim de setembro o ministro das finanças alemão, Peer Steinbrueck, declarou ao jornal *Der Spiegel* que “tudo o que está acontecendo mostra que algumas partes da teoria marxista não estavam tão erradas”.

MINERAÇÃO

## VALE RECOMPRA AÇÕES

O conselho de administração da Vale aprovou a proposta de criação de um programa de recompra de ações. O plano prevê a compra antecipada de até 69.944.380 ações ordinárias e até 169.210.249 ações preferenciais classe A. O programa será válido por 160 dias a contar de ontem e somente terá início no próximo dia 27. A aquisição das ações será realizada na bolsa de valores a preços de mercado, por intermédio dos bancos Bradesco, Itaú, Agora-Senior CTVM S.A. Encontram-se em circulação no mercado 1.265.264.204 ações ordinárias e 1.995.511.531 ações preferenciais classe A.

## MINÉRIO EM BAIXA

Diante do agravamento da crise internacional, o banco JPMorgan reduziu as projeções para o reajuste do minério de ferro em 2009. Em relatório, o banco informou que espera quedas de 10% ao ano entre 2009 e 2011. Antes, a expectativa era de alta de 10% para 2009, estabilidade em 2010 e queda de 15% em 2011. A revisão feita pelo JPMorgan está em linha com projeções divulgadas por outros bancos desde o início deste mês, quando as expectativas de alta da cotação começaram a dar lugar a projeções de estabilidade ou queda. Segundo o relatório, deve existir um excedente de oferta de minério de ferro no mercado mundial em 2009 devido à redução da atividade siderúrgica. A expectativa da instituição é de existir uma sobra de 73 milhões de toneladas de minério em 2009, com um consumo mundial de 1,817 bilhão de toneladas e oferta de 1,89 bilhão de toneladas.

Cadu Gomes/CBDA Press - 1/3/07



DIVERGÊNCIA

## FURLAN REBATE LULA

Há pouco mais de uma semana de volta à presidência do Conselho de Administração da Sadia, Luiz Fernando Furlan, ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio no primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, disse ontem ter retrucado diretamente ao presidente, na semana passada, a crítica de que a empresa fez “especulação contra a moeda brasileira” e teria agido por “ganância”. “Lembrei a ele que foi infeliz nessa colocação”, disse Furlan. Segundo ele, “levaram ferro” as empresas que acreditaram no país e no discurso de Lula de que crise estava distante do Brasil. A crítica do presidente foi uma resposta ao anúncio, em 25 de setembro, feito pela Sadia, de que tivera um prejuízo de R\$ 760 milhões com aplicações em derivativos.

FUNDOS

## RESGATES ATINGEM R\$ 11 BI

Os fundos de investimento acumulam saída líquida (aplicações menos resgates) de R\$ 11 bilhões em outubro, até o dia 14 — o que representa um volume equivalente a 0,89% do patrimônio da indústria no último dia de setembro, de acordo com os dados mais recentes compilados pelo site financeiro Fortuna. Desse total, R\$ 6,3 bilhões saíram dos multimercados (que perderam 3,80% do patrimônio) e outros R\$ 4,9 bilhões, dos fundos de renda fixa (1,86% do patrimônio). Mais R\$ 1,9 bilhão foi sacado dos fundos de curto prazo (14,68% do patrimônio) e R\$ 247,7 milhões, dos fundos de ações (0,39% do patrimônio).